

A decorative border of intricate black line art, featuring swirling acanthus leaves and scrolls, framing the central text.

Lorraine Heath

A filha
do CONDE

TRADUÇÃO DE
DANIELA RIGON

 **HARLEQUIN**[®]

Rio de Janeiro, 2020

Copyrighted image

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Sumário

Copyrighted image

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

[Capítulo 10](#)

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Epílogo

Nota da autora

Sobre a autora

Prólogo

Copyrighted image

ESTAVA VIVA.

Ofegante e ensopada de suor, após horas de gritos em meio a uma dor insuportável, foi uma surpresa ver que sobrevivera àquilo tudo. A parteira lhe dissera que tinha quadris estreitos demais para o que teria de enfrentar, aterrorizando-a com a terrível possibilidade de morte. Mas o medo, a agonia e as dúvidas que a assolavam iam sumindo — um contraste direto com o choro crescente, alto e indignado que reverberava no quarto. O choro alto era sinal de saúde. Seus lábios se abriram em um sorriso fraco enquanto seu coração se enchia de uma alegria inesperada, se espalhando dentro dela, preenchendo-a. Como uma criaturinha tão pequena podia causar um impacto tão grande?

— É menino? — perguntou, sem conseguir ver o bebê direito enquanto a parteira o enrolava em um lenço branco antes de entregá-lo à avó.

Vestida de preto, como se de luto, a avó aceitou a criança, tensa, a face uma máscara fria e sem emoção, quase um fantasma.

— Mãe... — A mulher abriu os braços, implorando, a palma para cima como um mendigo pedindo moedas. — Traga o bebê para mim. Quero ver se é menino ou menina.

Sem lançar um único olhar na direção da filha, ela deu meia-volta, os saltos batendo com firmeza no chão enquanto avançava para a porta fechada.

O terror a dominou, ameaçando fazer seu mundo ruir. Mesmo estando fraca, tentou se levantar para sair da cama, mas, de repente, mãos fortes a seguraram. Eram muitas, prendendo-a à cama como o ferro das algemas contém um prisioneiro.

— Mãe, não! Por favor, não leve o meu bebê! Por favor! Vou me comportar. Não vou mais pecar. Por favor! Eu imploro! Não leve meu bebê!

Uma jovem serviçal abriu a porta, prestativa.

Lágrimas brotavam dos olhos da jovem mãe, escorrendo pelo seu rosto.

— Não! Tenha piedade! Pelo menos me deixe sentir o bebê uma única vez...

As palavras “em meus braços” morreram em seus lábios quando a mulher de preto saiu porta afora com o ímpeto de um anjo vingador que busca destruir tudo a seu alcance, desaparecendo no corredor escuro com o precioso embrulho nos braços. A porta se fechou com um baque alto e sinistro que ecoaria para sempre na alma daquela jovem. Ainda passou um tempo tentando se soltar e impedir que sua mãe fizesse o

impensável, que entregasse a criança para alguém incapaz de amá-la tanto quanto ela a amaria. Mas as últimas horas não tinham sido fáceis, e ela estava esgotada, exausta e fraca.

— Calma, minha querida — disse uma criada. — Já passou. Amanhã vai estar tudo bem.

Ela caiu na cama, o corpo inteiro tremendo com os soluços de seu choro desalentado enquanto tudo o que restava de seu jovem e inocente coração se partia de tal forma que nunca mais voltaria a ser inteiro.

Capítulo 1

Copyrighted image

Whitechapel

Início de novembro, 1871

COM UM ARREPIO, LADY Lavínia Kent cobriu a cabeça com a touca do casaco. A madrugada estava fria, ao contrário das noites anteriores, e Lavínia estava convencida de que a mudança climática tinha mais ligação com o perigo que a aguardava do que com o outono cedendo lugar ao inverno. Estivera ocupada com novos planos desde agosto, quando escapara da vida aristocrática que fora obrigada a levar sem a menor consideração por seus desejos, e partira em busca de algo que julgava ser mais satisfatório.

Embora a missão também tivesse riscos e perigos à espreita em esquinas escuras, Lavínia estava longe de sentir medo. Na verdade, era impelida pelo chamado que sentira uma década antes, quando conhecera um rapaz prestes a se tornar homem. Na época, também era uma jovem prestes a se tornar mulher.

Era o filho bastardo de um lorde, socialmente inferior a ela, apesar do sangue nobre — ainda que contaminado. O jovem nunca contara quem era o pai, mesmo sabendo. Lavínia ainda lembrava da voz triste dele ao confessar que não sabia nada e não tinha nenhuma memória da mulher que o trouxera ao mundo. Tinha sido retirado dos braços da mãe logo ao nascer e levado para ser criado por mulheres que acolhiam bastardos em troca de pagamento. As experiências dele apresentaram a ela um mundo até então desconhecido. Um mundo no qual adentrava naquele exato momento, com a mão desnuda apertando firme o entalhe de cabeça de lobo no topo da bengala, companhia constante e reconfortante em suas caminhadas noturnas. Nas conversas com o jovem, descobrira a verdade sobre como bastardos eram acolhidos e os horrores que sofriam. Sobre como as mulheres, quase sempre viúvas, anunciavam seus serviços. Tinha passado a procurar os anúncios e a fazer contato por carta, marcando encontros e até oferecendo pagamentos — mas não para que aceitassem alguma criança, como indicava nas cartas, e sim para que lhes entregassem as crianças que estavam sob seus cuidados. Com a benção das Irmãs da Misericórdia, por quem fora acolhida, Lavínia levava as crianças para o orfanato da igreja. Queria tanto ter dinheiro para abrir o próprio abrigo... O orfanato estava quase cheio. O que ela faria quando lotasse?

As mulheres com quem trocava cartas só aceitavam encontrá-la altas horas da noite, em becos e vielas escuros, quando as ruas eram assombradas por ruídos de ratos, bêbados

cantando, alguns grunhidos e raros relinchos. A sensação de estar sendo observada era constante.

Sentiu os pelos da nuca se arrepiarem e parou de repente, prestando atenção aos arredores. Apertando mais a cabeça de lobo, ergueu a bengala depressa, agarrou o meio do cabo e girou a madeira, abrindo o esconderijo do espadim que carregava consigo. Virou para os lados, examinando bem o lugar. Não havia ninguém por perto, só um mendigo dormindo na escadaria de entrada de um prédio do outro lado da rua. Não o vira antes porque a alcova o escondia do ângulo por onde viera. O sujeito só era visível — e bem pouco — de onde Lavínia estava naquele momento. Ela esperou, atenta aos sons e movimentos, e ouviu seu ronco. Considerando-o inofensivo, guardou o espadim e continuou seu caminho.

Ficara encantada com a arma, encontrada em uma loja de penhores. Para seu alívio, o dono tinha aceitado os brincos que ela usara no casamento em troca do espadim. Tivera aulas de esgrima aos 19 anos e acabara se apaixonando pelo desafio da luta, então se empenhou bastante no aprendizado. Seu irmão só aceitara duelar com ela uma única vez — o rapaz não sabia perder, então não lidara muito bem com a derrota, apesar de ter confessado sua surpresa pela maestria da irmã no esporte. Mas, para Lavínia, a esgrima sempre fora mais que um esporte. Fora uma maneira de sobreviver e manter a sanidade enquanto levava uma vida que tinha de tudo para deixá-la louca.

Balançou a cabeça, tentando espantar aqueles pensamentos desagradáveis. Só o futuro importava. Deveria seguir em frente, um passo de cada vez. Tinha que esquecer o impossível de se

esquecer. Lavínia se concentrou no momento, atenta aos arredores, ciente de que precisava estar em alerta para se sair bem no possível confronto que a esperava.

Em geral, encontrava os festeiros mais empolgados ainda nas ruas, depois de encerrarem o dia em uma taverna, mas o encontro daquela noite fora marcado em um horário mais tarde do que de costume e em uma área mais deserta do que Lavínia esperava. Mas nada podia impedi-la de seguir com seu propósito. Era tudo o que lhe restava. Tudo o que desejava. Era o que a mantinha viva, seu sustento, seu motivo para sair da cama a cada manhã.

Estava quase perto do cruzamento descrito na carta, que também estabelecera a data e o local do encontro. *Atravesse para o outro lado*, lembrou, tentando ignorar o mau pressentimento e se concentrando em seguir à risca os garranchos da carta. *Vire à esquerda no primeiro beco. Quando estiver no meio...*

Parou bem no ponto limite do alcance da luz dos postes. Se seguisse em frente, atravessaria uma cortina de escuridão. Sua coragem e teimosia tinham limites.

Com movimentos discretos e quase imperceptíveis, Lavínia analisou os arredores. Estava em uma ruela estreita entre dois prédios de tijolos com as janelas escuras, os quartos provavelmente inabitados. Era normal os encontros acontecerem em áreas desoladas, onde não haveria testemunhas para as transações. Tentou manter a postura firme; caso estivesse sendo observada, não queria que percebessem seu receio e sua desconfiança do que fora combinado.

Tentou manter a respiração tranquila, mesmo sentindo as mãos suadas e o coração batendo depressa. As irmãs a alertaram mais de uma vez para não ir aos encontros sozinha, mas não conseguiria cumprir seus objetivos escondida como uma criança assustada — e se escondera por tempo suficiente nos últimos oito anos, ocultando seus verdadeiros desejos e vontades não apenas de si mesma, mas de todos. Estava farta daquilo. Estava farta do passado. Lavínia estava recomeçando a vida, determinada a vivê-la do jeito que acreditava ser melhor.

E fora por esta mesma razão que, três meses antes, abandonara um homem muito distinto no altar da igreja de São Jorge. Não que a fuga tivesse sido ruim para o duque de Thornley. Pelo que sabia, o homem conseguira se casar com a mulher que amava. Da última vez que o vira — em segredo e para pedir perdão —, o duque lhe falara das virtudes da tal mulher, Gillie Trewlove, e Lavínia notara a emoção verdadeira na voz de um homem perdidamente apaixonado. Não ficara surpresa em saber, pouco depois, que os dois tinham se casado. Muito melhor para o duque do que se casar com uma mulher que não amava e a quem, com o tempo, conforme a conhecesse melhor, viria a desprezar — como Lavínia se desprezava pelos próprios fracassos e problemas do passado.

Ouviu um barulho. Um passo. Virando-se, deu de cara com uma mulher encorpada com um chapéu de fazendeiro ocultando quase todo o rosto. Ouviu “clique-claque” de mais passos quando outras duas mulheres, a primeira magra como um palito, a segunda alta como uma árvore, entraram no beco,

as três a cercando. Atrás dela, apenas a escuridão desconhecida. Lavínia marcara o encontro com apenas uma mulher.

— Estou aqui para encontrar a D.B.

Lavínia ficou orgulhosa de si mesma por manter a voz calma.

— E na semana passada parece que a dona encontrou com a Mags. Que acabou na cadeia logo depois, de manhã. E estão dizendo que vai ser enforcada — retrucou a primeira mulher.

Ao que parecia, era provável que as autoridades tivessem descoberto que a tal Mags matara pelo menos uma das crianças que tinham sido deixadas sob seus cuidados.

— Não conheço nenhuma Mags.

Só conhecia as mulheres pelas iniciais. Será que Mags era a M.K., a quem pagara cinco libras em troca de três crianças, na semana anterior? Quase sempre, as cuidadoras recebiam o pagamento quando os bastardos eram deixados por um parente ou alguém próximo à mãe, na esperança de proteger a mulher de tamanha vergonha. Sim, algumas recebiam em parcelas — pagas quando a família se interessava pelo bem-estar dos bebês —, mas muitas apenas aceitavam a oferta única e torciam — ou ansiavam — para que nunca mais fossem procuradas pela família ou incomodadas pelas tais crianças. Como não recebiam mais nenhum dinheiro depois da primeira transação, era comum os bebês serem negligenciados até acabarem morrendo, e então eram enterrados sem nenhuma cerimônia em covas sem identificação, para que ninguém desconfiasse das ações nefastas de suas cuidadoras. Os bebês eram todos iguais para muitos dos que olhavam de fora, e quem se daria ao trabalho de contar

quantos havia em uma casa, ainda mais quando logo chegaria outro para substituir o que fora perdido?

— Eu não a entreguei para as autoridades. Só estou interessada nos bebês e no bem-estar deles.

— Isso é o que a dona diz...

— Não sou adepta de mentiras. Você é a D.B.?

— Dona, até a sua fala é de gente rica. Mas dinheiro não vai resolver nada aqui. Não vamos deixar você estragar nosso negócio.

“Negócio”. Lavínia sentiu o estômago se revirar com a confirmação de que aquelas três senhoras viam as crianças como produtos — frutos de mulheres que não conheciam e vendidos a outras que não os amariam.

— Não estou atrás de vocês e não me importo com o que fazem. — Não era bem verdade. Claro que Lavínia se importava, ou não estaria ali. — Só quero as crianças. Pago para tirar esse fardo das suas mãos.

— E fique tranquila que vamos aceitar suas moedas... Pegaremos todas logo que você estiver morta.

Mais que depressa, Lavínia puxou o espadim do esconderijo, erguendo-o sem medo, fazendo o brilho da lâmina refletir na luz distante, bem visível.

— Fiquem longe!

A mulher mais robusta sorriu, revelando buracos no lugar dos dentes.

— E a dona já usou uma espada? Já sentiu a dor da lâmina cortando a pele e o músculo, entrando até o osso? Sentiu a pele

se abrindo numa ferida, os braços tremendo enquanto a carne se abre toda para o aço?

— Se me atacar, vai descobrir.

Lavínia se posicionou, ainda segurando a bengala na outra mão, uma arma a mais, caso fosse necessário. Traçou um “X” com o espadim, se deleitando com o sibilo do aço cortando o ar, preenchendo o silêncio com um tom de ameaça. Apesar de nunca ter cortado pele, não hesitaria em machucar aquelas criaturas que se aproveitavam do desespero alheio.

— Mas parece que a *dona* não vai atacar, não é mesmo? Porque não sou indefesa, vulnerável e nem medrosa. Não sou nada parecida com o tipo de gente que é assassinada.

A mulher mais robusta olhou para as companheiras, então, enquanto as duas recuavam, avançou de repente. Lavínia duvidava que as outras de repente tivessem decidido que queriam uma briga justa, estavam era com medo. Não queria atacar e matar sem necessidade — não era uma selvagem —, então brandiu o espadim na direção do rosto desprotegido da mulher que a atacava, arranhando a bochecha e mandando o chapéu dela para longe. Com um grito, a mulher recuou, levando uma das mãos à ferida enquanto olhava feio para Lavínia.

— Vamos lá, pessoal! Dá pra derrubar essa dona se atacarmos juntas!

— Não sem antes sofrer alguns arranhões — retrucou uma voz grave vinda da escuridão no limiar do alcance da luz do poste.

Lavínia enrijeceu, mas não se atreveu a tirar os olhos das mulheres à frente.

— Quem está aí? — perguntou a que parecia ser a líder, estreitando os olhos.

— Não importa. Não gosto de briga injusta. E acredito que eu e essa *dama* poderíamos acabar com as três em um piscar de olhos. Ela parece bem habilidosa com a lâmina.

A ênfase na palavra “dama” era sinal de que o sujeito não a utilizara por acaso, e sim para se referir ao status de Lavínia — ressaltando o fato de que ela era da nobreza. O tom também a alertou de que o sujeito não ligava muito para seu status social. Como ele descobrira aquilo? Seria um dos homens que o irmão contratara para encontrá-la e levá-la de volta para casa? A voz era familiar, mas mesmo assim...

— Você é um metido — disse a líder.

— Não posso negar. E qualquer homem que resolver me irritar está de prova. Acontece que tenho planos para essa aí, então caiam fora.

A mulher bufou.

— Pode levar. Aproveita. Mas a dona deveria saber que vai acabar perdendo a cara se não parar de enfiar o nariz onde não deve.

Lavínia ficou olhando, fascinada, enquanto as mulheres se afastavam aos trancos, fazendo bastante barulho — um contraste com o sujeito misterioso, que saiu das sombras sem um só ruído e, com um movimento hábil, tirou o espadim de sua mão, rápido como quem tira a colher de uma criança distraída.

Ela se virou.

— Senhor...

A bronca ficou presa em um nó na garganta quando a pouca luz revelou o que as sombras tinham mantido oculto.

O sujeito ficou parado na frente dela como uma espécie de lorde do mundo inferior, duro e implacável, cheio de malícia e pronto para fazer valer sua justiça. Usava roupas tão escuras que se misturavam à noite. A brisa leve fazia a bainha do sobretudo tremular ao redor das panturrilhas e bagunçava as mechas do longo cabelo loiro, solto e sem chapéu. Lavínia já se regalara com aquelas mechas, entrelaçando-as nos dedos.

Um homem alto, com uma postura ameaçadora. Não era de se espantar que as mulheres tivessem fugido. Lavínia lembrava de ter que ficar na ponta dos pés para envolver o pescoço dele com os braços, do abraço dele, de como parecia fácil quando a levantava, como se ela pesasse menos que uma nuvem branca no céu de verão. Como aquele homem a fizera acreditar em si mesma, como a fizera se sentir... desejada.

Naquele momento, no beco, veio o ressentimento de tudo aquilo. De como ele a fizera se sentir, de ter dado permissão para que a tocasse.

Mesmo sabendo que deveria agradecer pela intervenção na luta, estava indignada com sua partida — ou melhor, como a abandonara — oito anos antes. Estava fumegante, tremendo de raiva, tentando conter o impulso de esbravejar sobre a injustiça daquilo tudo — especialmente sobre como seu coração, morto havia tanto tempo, parecia voltar à vida só com a presença dele. Maldito coração, tão traidor quanto aquele homem diante dela.

Ele brandiu o espadim para o alto, mas Lavínia sabia que era só para testar a lâmina, o equilíbrio, o peso, a qualidade da forja. Tinha certeza de que ele não encontraria defeito algum.

— Não é uma arma muito prática. Espadas, facas e pistolas podem ser tiradas das suas mãos, utilizadas contra você. É melhor aprender a usar os punhos.

Ah, que atrevimento! E ainda falava como se ela fosse uma criança rebelde.

— E o que faz você pensar que não sei usar meus punhos?

Lavínia cerrou o punho e deu um cruzado no queixo bem definido que outrora enchera de beijos. Ele largou o espadim e deu dois passos para trás. Um soco daqueles com certeza teria abatido qualquer outro homem, mas aquele ali era puro tendão e músculo no corpo alto e robusto. Mesmo assim, o soco o deixou um pouco atordoado — a distração necessária para que ela pegasse de volta o espadim, cerrando os dedos com firmeza no cabo da arma. Antes que ele se recuperasse, Lavínia avançou, pressionando a ponta da lâmina no peitoral dele, logo acima da abertura do casaco, sobre a camisa. Ficou muito satisfeita ao vê-lo tenso, controlando a respiração enquanto a encarava, esperando. A tentação de cortá-lo era enorme, a chance de vingança fazia suas mãos tremerem. Aquele pilantra de primeira categoria bem que merecia, por ter roubado seu coração e pisado nele logo que conseguira o que queria — o que ela, cega de amor, dera de bom grado.

Segurando o cabo do espadim com ainda mais força, Lavínia tentou aquietar as memórias que a bombardeavam. Lembranças

do homem gentil e educado que conhecera — um homem por quem começara a se apaixonar quando tinha apenas 15 anos.

Capítulo 2

Copyrighted image

Londres, 1861
Ao primeiro rubor

— MANDE PARA O abatedouro.

Lavínia sentiu um calafrio de gelar os ossos percorrer seu corpo com a lembrança das palavras do pai. Dentro do estábulo, com a testa pressionada contra a da égua, Sophie, acariciou o pelo branco do animal com o braço bom. Tinha implorado ao pai que não chamasse aquele homem horrível para levar a égua embora.

— Nos meus estábulos não quero uma égua que derruba sua lady — dissera ele, com uma voz severa, antes de voltar para casa a passos firmes.

Seria inútil discutir, mas Lavínia correria atrás do pai assim mesmo, tentando explicar o que acontecera... mas ele não lhe deu ouvidos. A égua era um perigo, e não arriscaria a segurança da única filha. Sem paciência, e com um tom que não abria

espaço para argumentação, informou que compraria outra assim que se livrasse daquela.

Não era justo. Nem um pouco! Não era culpa de Sophie. Se havia um culpado, era o duque de Thornley — ou só Thorne, para os íntimos. Ele a convidara para uma cavalgada no parque, mas chamara também o irmão dela, Neville, nove anos mais velho, a quem dera bem mais atenção. Lavínia fora prometida a Thorne ao nascer, mas isso não significava que não precisasse ser cortejada, que não desejasse ser o centro das atenções do duque. Mas, não... Ignorando sua presença, os homens ficaram discutindo algum novo estabelecimento de jogos que parecia promissor e planejando como encontrariam o tal local — que, apesar da fama, ficava escondido dos olhos comuns.

Era sempre assim: Lavínia era tratada como uma criança, não como uma jovem prestes a se tornar uma mulher, já se preparando para o casamento e os filhos e que recentemente passara a ter uma criada exclusiva. Irritada e morrendo de ciúmes, chicoteara os flancos de Sophie, sempre tão dócil. Queria fingir que sua égua tinha perdido o controle e que precisava ser resgatada pelo futuro noivo. Mas, em vez de galopar para longe, Sophie empinou, derrubando Lavínia, que caiu e bateu o ombro em uma pedra. Sentindo a dor inundar seu corpo, ela gritou sem parar, encarando, atônita, o osso quebrado, que perfurara a pele e a roupa logo acima de seu pulso, e o sangue, que encharcava e manchava suas roupas de cavalgar.

O choque devia ter embaralhado suas lembranças, porque Lavínia lembrava de ter sido carregada pelo irmão, mas acabara

cavalgando no colo de Thorne. O duque a segurara com força, bem junto ao corpo, incitando o cavalo a ir mais rápido, e a levava de volta para casa, enquanto Neville buscava Sophie. Apesar de ter sido a jornada mais excruciante de toda a sua vida, Lavínia apreciara a sensação dos braços de Thorne envolvendo seu corpo, da proximidade dele. O duque chegara a entrar em casa com ela no colo, levando-a até seu quarto — como se Lavínia tivesse quebrado a perna, e não o braço.

O duque seria um marido excepcional, mesmo que onze anos mais velho e, ao que tudo indicava, não demonstrasse pressa alguma para se casar. Ele ainda não pedira sua mão oficialmente, mas os pais de ambos tinham selado um contrato logo que Lavínia nascera, concedendo Wood's End — um pequeno terreno que fazia fronteira com o de Thorne, que era muito maior — ao duque após o casamento. A vida amorosa de Lavínia fora decidida sem poemas, flores ou demonstrações grandiosas de afeto. Era o contrato mais entediante já acertado. Faltava amor, paixão, desejo ardente...

Depois de colocá-la muito respeitosamente na cama, Thorne se retirou, deixando-a aos cuidados dos criados, que correram de um lado para o outro, muito preocupados, como se ela não fosse sobreviver ao acidente. Embora soubesse muito bem que um cavalheiro não podia frequentar o quarto de uma dama sem estarem casados, Lavínia ficou desapontada de o duque não ter ao menos segurado sua mão por mais alguns minutos. Chamaram o médico, que colocara o osso no lugar — um procedimento que causara imensa dor — e prendera uma tala

em seu braço, para impedir o movimento até que a fratura estivesse curada.

Sentindo-se um pouco tonta por causa do láudano, que tomara para aliviar a dor, Lavínia andou até o estábulo para verificar Sophie e se certificar de que ela não se machucara. Estava quase chegando quando ouviu a ordem do pai. Não conseguiu convencê-lo a voltar atrás, e não havia mais o que fazer: sua linda Sophie seria enviada a um abatedouro.

— Eu sinto muito, minha querida. Sinto muito... — sussurrava sem parar, os olhos se enchendo de lágrimas. — Fui uma estúpida, e agora você vai pagar o preço.

Se não estivesse com uma tala no braço, teria selado Sophie, montado e fugido para longe — claro que, nessa fantasia, ignorava o fato de nunca ter selado um cavalo em toda a vida e não ter sequer ideia de como fazê-lo. A vantagem dos criados era justamente não se preocupar em aprender os detalhes das tarefas domésticas. Mas o abate de cavalos era uma exceção. Certa vez, curioso para saber como Londres se livrava dos inúmeros cavalos velhos e doentes, Neville visitara um abatedouro. Contara à irmã todos os horrores do abate e do que acontece depois. Lavínia, que na época tinha 7 anos, passara um mês inteiro acordando com pesadelos no meio da noite. E, naquele exato momento, um homem maligno, horroroso e corcunda estava a caminho de sua casa para fazer o impensável com Sophie — e ela não tinha como impedi-lo.

— Milady? — chamou Johnny, um dos cavaleiros, logo atrás dela. — O abatedor chegou. Precisamos tirar Sophie do estábulo.

Sentindo a raiva, a frustração e a tristeza disputando intensamente, Lavínia virou-se e pousou os olhos no estranho, sem dúvida o abatedor. Mas não era um velho horrendo, nem parecia ter coração de pedra. Era jovem. Quase cinco anos mais velho que ela, se muito. Por baixo da boina marrom, o cabelo loiro-escuro e encaracolado caía até a gola do casaco simples. A camisa branca e o casaco marrom estavam limpos, ainda que amassados — mas Lavínia suspeitava que o tipo de trabalho que ele escolhera não permitiria que suas roupas chegassem limpas ao fim do dia. Foram os olhos castanhos que a atraíram — aqueles olhos não pareciam pertencer a um assassino.

— Como pode fazer isso? — questionou, rouca, a garganta ardendo com as lágrimas que derramara e os soluços que engolira. — Como pode matá-la? Ela não é velha. Não é arisca. E não me derrubou por mal.

— Fazemos o que somos pagos para fazer — respondeu ele, resignado, como se não fosse a primeira vez que era forçado a responder tais acusações.

— Mas você pode poupar essa daqui.

O jovem apontou para o braço dela.

— Foi a égua que fez isso?

— Não. Foi o chão. Quando eu caí.

— Mas a égua que derrubou você.

— Não foi de propósito. Eu a incitei. Ela é muito dócil.

— É mesmo — concordou Johnny.

— Meu pai é teimoso. Ele não me ouve... — Lavínia deu um passo na direção do estranho. — Mas você com certeza consegue compreender o que digo... Não a mate.

— Podemos perder a licença se enganarmos um cliente.

— Mas, se meu pai nunca descobrir, não é a ele que estarão enganando. É a morte. Não acha incrível?

— Sinto muito, milady. Agora, se me der licença...

Ele tentou passar por Lavínia, que cerrou o punho e lhe deu um soco no ombro. Logo na hora, teve certeza de que o golpe doera mais nela do que naquele estranho.

O sujeito era musculoso e rígido, duro como uma pedra, mas ao menos parou para encará-la depois do soco. Era muito alto. Se a segurasse em seus braços fortes — o que Lavínia certamente não permitiria —, o topo da sua cabeça pousaria logo abaixo da clavícula dele.

— A égua não vai sofrer. Eu garanto. E tenho jeito com cavalos. Será uma morte rápida. Ela nem vai sentir.

— Você é um monstro! Como pode fazer uma coisa dessas?

— Tem ideia de quantos cavalos existem em Londres? Acha que o povo quer andar por aí vendo carcaças podres a cada esquina, empestecendo o ar? Prestamos um serviço necessário para a cidade.

Percebendo que o rapaz estava na defensiva, Lavínia sentiu-se como uma criança teimosa. Sabia que ele falava a verdade, que estava certo, que algo precisava ser feito em relação aos corcéis mais velhos, já fracos.

— Mas Sophie não é podre nem empesteia o ar! E nem está prestes a morrer!

— Bem, você deveria ter pensado nisso antes de incitar a égua.

As palavras doeram mais que a mão dela após o soco.

— Você é horrível!

Ignorando a ofensa, o jovem passou por ela, abriu a portinhola da baia e colocou uma corda pela cabeça de Sophie, firmando-a enquanto esfregava o pescoço da égua com carinho.

— Vamos, garota.

Ele guiou a égua para fora. Lavínia se atirou para a frente, abraçando o pescoço do animal.

— Eu sinto muito, Sophie! Sinto muito, mesmo! Nunca te esquecerei! Vou te amar para sempre, minha querida! — Então, olhou para o jovem: — Por favor, não deixe que ela sinta medo.

Solidariedade e tristeza brilharam nos olhos castanhos daquele estranho.

— Cantarei a música mais linda que ela já ouviu.

— Ela vai gostar.

Depois de beijar o pescoço de Sophie, sentindo o cheiro da égua uma última vez, Lavínia deu um passo para trás, quase chorando com a dor que lhe apertava o peito.

Ficou olhando enquanto o jovem conduzia Sophie até uma carroça com um cercado de madeira. Suspeitava que nem todos os cavalos conseguissem andar até o abatedouro, então aquela carroça com uma espécie de cabana cercada lhes fornecia um pouco de dignidade. O rapaz fez a égua subir por uma rampa e fechou a porta do cercado. A última visão de sua querida Sophie foi do balançar da cauda branca enquanto a carroça levava a égua para ser executada, como uma das esposas condenadas de Henrique VIII.



A carroça sacolejava a caminho do abatedouro, e Finn Trewlove se recostou no banco do cocheiro, frustrado, apertando as rédeas com força. Não era a primeira vez que ia até a casa de uma família rica para se livrar de um cavalo perfeitamente saudável. Os riquinhos não gostavam quando uma égua derrubava uma filha preciosa ou quando um cavalo coiceava a bunda do herdeiro. Finn espumava de raiva sempre que um bom cavalo precisava ser morto por razões estúpidas.

Mas fora sincero com a jovem. Recebia 10 xelins para despachar a criatura para o céu e, se descobrissem que não o fizera, o chefe poderia tirar sua licença. E não seria só o problema de perder o emprego: ele não conseguiria mais nenhum outro trabalho. Quem confiaria em um jovem que não cumprira a lei? Era proibido enganar os clientes. Poupar um cavalo do abate era roubo. Não se arriscaria a ir para a prisão, não importava quão bonita fosse aquela jovem, não importava quão verde fossem seus olhos — os mais verdes e lindos que já tivera o prazer de encarar. Mesmo que os olhassem cheios de raiva — raiva, aliás, que a garota deveria sentir de si mesma! Que tola! Incitara a égua até ser derrubada, depois queria implorar a Finn que poupasse a vida da criatura! Como se ele tivesse escolha...

Não tinha. No depósito, esperavam a égua e os 10 xelins. O animal seria abatido com um golpe rápido de machado, direto

no pescoço. Finn em geral conseguia algum conforto sabendo que o fim era rápido e misericordioso.

Mas a garota — aquela maldita! —, com os olhos cheios de lágrimas, o fizera se sentir culpado por seu trabalho. Ganhava bem, mas não era o emprego que queria para a vida. Tinha 21 anos e já juntara uma boa quantia; logo arranjaría algo melhor. Mas nenhum trabalho novo, por melhor que fosse, eliminaria o terror da tristeza naqueles olhos verdes...



Na meia-noite daquele mesmo dia, Finn estava parado junto aos estábulos da enorme residência do conde de Collinsworth, a sua bolsa preta especial para assaltos descansando aos pés. Na juventude, ele se envolvera com um grupo infame. Tinha 15 anos quando a mãe descobriu e chicoteou seu traseiro até quase arrancar o couro — isso mesmo tendo deixado que ele ficasse com as cuecas para proteger a pele sensível. A mulher o acolhera quando ninguém mais o queria, e a surra foi para que ele entendesse que ela não o mantivera vivo todos aqueles anos para vê-lo enforcado ou apodrecendo na prisão. Para acalmar a mãe, Finn abandonara a carreira de ladrão. Só que nunca se livrara das ferramentas que comprara, assim como nunca desaprendera as habilidades que havia adquirido com o cargo — não dava para saber quando poderiam vir a calhar.

Passara algumas horas examinando a residência, tentando determinar qual seria o quarto da garota, mas ela não tinha

aparecido nas janelas. Considerando a luz que volta e meia escapava por entre as cortinas, reduzira as possíveis janelas de dormitórios para oito. Mas, sem saber o tamanho dos cômodos, não podia ter certeza quanto à quantidade de quartos. Em uma residência grande como aquela, alguns dos quartos poderiam ter mais de uma janela. As paredes externas do casarão eram cobertas de sebe, mas sem árvores próximas em que pudesse escalar para espiar o interior da casa.

Por isso levava as ferramentas. Planejava invadir a mansão do conde.

Logo na tarde seguinte, cogitara ir falar com a garota sobre o destino da égua, mas decidira que um encontro às escondidas seria mais seguro, assim ninguém — exceto a jovem — saberia o que ele fizera. Um lorde que mandava um cavalo para o abate só porque o animal derrubara a filha não aceitaria muito bem o pedido de um plebeu para falar com a tal donzela, ainda mais considerando o desejo de Finn de que o pequeno encontro resultasse em um passeio. O plano fizera sentido enquanto bebia uma cerveja atrás da outra na taverna da irmã, embora suspeitasse que, na manhã seguinte, de cabeça limpa, descobriria que fora muito tolo.

Mas aquilo ficaria para o dia seguinte. Não estava bêbado demais para entrar furtivamente na casa. Esperou que as luzes se apagassem uma a uma e a casa caísse no breu para ter certeza de que todos os habitantes, incluindo os empregados, estivessem dormindo. Quanto maior a residência, mais fácil assaltá-la. Durante a noite, um ladrão poderia vagar por um

casarão daqueles afanando o que quisesse sem encontrar uma vivalma.

Passou a bolsa por sobre o ombro e abaixou mais a boina, então se esgueirou na direção da casa. Era muito parecida com a que planejava viver quando mais velho, já bem-sucedido. Por mais que odiasse o emprego no abatedouro, amava trabalhar com cavalos e tinha esperanças de, um dia, com um pouco de sorte, ter a própria fazenda para criar e treinar as nobres criaturas. Não era um sonho extravagante. E queria ser dono da própria vida, trabalhar para si mesmo, sem ter que dar satisfações a ninguém. Bem, os sonhos ficariam para outra hora. Naquele momento, precisava se concentrar em não ser pego.

Quando chegou à entrada de serviço, colocou a bolsa com cuidado no chão e pegou um lampião. Era um pequeno quadrado, com três laterais cobertas e escuras, com apenas um buraco na quarta, permitindo a passagem do mínimo de luz. Depois de acender a vela com um palito de fósforo, segurou a lamparina na altura da fechadura. Ficou feliz por conhecer o modelo e saber como destrancá-lo. Tinha as ferramentas necessárias para abrir o fecho de uma janela ou cortar o vidro, caso não conseguisse destrancar a fechadura, mas entrar pela porta era sempre melhor — ainda mais naquele caso. Se descobrissem a porta destrancada, simplesmente culpariam um empregado por não ter tomado cuidado. Era melhor do que deixar alguma evidência gritante de que alguém de fato entrara sem convite. Pegou as ferramentas de um saquinho e, em menos de um minuto, já estava dentro. Deixou a bolsa na soleira da porta. Não estava ali para roubar — apesar da *enorme*

tentação de afanar um vaso ou uma caixa decorada enquanto andava pelo casarão escuro, segurando a lamparina à frente.

Por vezes, a luz refletia em algum objeto que Finn tinha certeza de que não dariam falta. Os riquinhos tinham tantas quinquilharias... como se encher a casa de tralhas inúteis disfarçasse a falta de algo a mais em sua vida. Em alguns de seus roubos, ninguém sequer sentira falta de candelabros de prata, enfeites ou estatuetas saqueados. E nunca tinham ido atrás do bronze. Sabia disso porque sentia um prazer perverso em observar a casa assaltada, para ver o desespero dos habitantes, na manhã seguinte. Ele se orgulhava de nunca ter sido pego, pensara que poderia se tornar o maior ladrão da história — até que a mãe descobriu suas peripécias e acabou com seus planos.

Bem, se a mãe não tivesse frustrado suas ambições fora da lei, Finn não estaria se esgueirando por aquela mansão, subindo devagarzinho a larga escadaria. Imaginou a filha do conde descendo os degraus com um vestido de baile com um tom de verde igual ao de seus olhos. Os homens fariam fila para dançar com aquela jovem assim que ela pisasse no salão. Bailes eram um bom negócio para ladrões, ainda mais quando os convidados dormiam na casa do anfitrião. Eram mais joias para roubar — com o cansaço da festa, os convidados quase sempre se esqueciam de guardarem bem os seus pertences. Tinha frequentado alguns bailes por ordem do chefe da gangue, e depois assaltara uma das residências. Tinha sido a noite mais aterrorizante e empolgante de sua vida. Até aquele momento.

Seu coração batia intensamente. Não era medo, e sim expectativa.

Chegou ao topo da escadaria e virou para um corredor. Na primeira porta, parou e encostou o ouvido na madeira, escutando com atenção. Um ronco pesado. De homem. A porta seguinte não revelou nada além de silêncio. Devia ser o quarto da senhora da casa, mas precisava conferir. Abriu a porta bem devagar, com muito cuidado, centímetro a centímetro. As dobradiças desses casarões eram sempre silenciosas, com os empregados se esforçando para mantê-las lubrificadas.

Estava quase chegando na cama quando viu a ocupante: uma mulher de boca aberta, as dobras de pele amontoadas sob o pescoço, tão velha quanto sua mãe. Finn recuou depressa, mas sem fazer barulho, e fechou a porta ao sair. Pensando no que descobrira sobre os cômodos ao observar as janelas, lembrando dos vislumbres de luz por entre as cortinas, ignorou as três portas seguintes. Abriu a quarta bem devagar, e na mesma hora soube que era o quarto certo. Tinha o cheiro dela: floral, mas não enjoativo. Um cheiro raro. Uma essência que só sentira uma vez, quando passara ao lado dela para pegar a água. A fragrância o assombrara até aquele momento, quando finalmente inalou outra vez o perfume. Sentiu uma calma inundar seu corpo.

Avançou até a cama com os passos leves como os de um gato. As cortinas ao redor do leito estavam abertas, e Finn ficou agradecido pelo calor do verão. Com cuidado, depositou a lamparina na mesinha de cabeceira, virando-a para que a chama não iluminasse o rosto dela. Dormindo, ela parecia mais

inocente e gentil do que quando se conheceram, quando o atingira com aquele soco fraco. O braço machucado ainda estava envolto pela tala — ele achava que ainda ficaria assim por um bom tempo, de acordo com sua experiência com ossos quebrados. Uma das mãos estava pousada no travesseiro, a palma para cima, os dedos quase dobrados. A outra estava escondida sob os lençóis. A trança, de um tom que lembrava a lua reluzindo no céu, caía por cima de um dos ombros, a ponta se enrolando tentadoramente sob o seio pequeno.

Xingando baixinho, Finn desviou o olhar da trança e limpou a mente desses pensamentos impuros. Ela era uma dama, a filha de um conde. Tolicie pensar que, com ela, poderia ter algo mais do que a conversa casual para tranquilizá-la. Segurou um dos ombros magros dela, surpreendendo-se com a delicadeza do seu corpo — parecia que o ombro iria quebrar se ele apertasse forte — e a sacudiu de leve.

— Milady?

A jovem foi abrindo os olhos devagar... até que os arregalou de vez, escancarando também a boca. Finn tratou de cobri-la com a mão, para que ela não gritasse.

— Shh. Não vim fazer mal. Só trago notícias de Sophie.

A jovem pestanejou. Finn sentiu que ela fechava a boca sob sua palma.

— Prometa que não vai gritar, aí tiro a mão.

Ela assentiu. Hesitante, Finn afastou a mão, preparado para colocá-la de volta caso necessário.

— Veio me contar como ela morreu? — indagou a garota, ríspida, a tristeza em seus olhos amenizando a acidez das

palavras.

— Não exatamente. Mas ela está no céu, de certa forma. Achei que você iria querer ver com seus olhos.

A vida da égua lhe custara um mês de salário, e ele queria ver a expressão dela quando descobrisse, para saber se valera a pena.

Franzindo o cenho, ela se sentou e puxou as cobertas até o queixo.

— Não estou entendendo.

— Quero lhe mostrar uma coisa. Agora. Hoje à noite. Vamos na minha carroça...

— Você está esperando que eu entre na carroça de uma pessoa que nem sequer conheço? E que invadiu minha casa e entrou no meu quarto escondida?

Certo de que não havia mais risco de gritos, Finn se endireitou, desapontado pela teimosia e relutância dela. Não tinha pensado muito bem nos pormenores. Só porque sentira uma conexão com ela, porque fora atraído pelo verde de seus olhos, não significava que a jovem também estivesse interessada nele.

— Só quero mostrar que ela está bem.

— Está tentando me enganar?

— Por que eu faria isso?

— Porque você é um plebeu. Pode estar querendo se aproveitar de mim. Ou, sei lá, me sequestrar e fazer meu pai pagar uma quantia exorbitante como resgate.

Roubar um vaso era uma coisa, mas *sequestrar uma pessoa*? A garota pensava tão mal dele a ponto de considerá-lo um

possível sequestrador? Nossa! O que diabos estava fazendo ali?

— Esqueça. Foi uma ideia estúpida.

Ele se virou para sair.

— Espere.

Não deveria insistir. Ir até ali tinha sido idiotice, mas pior era ter se importado tanto com o que ela lhe pedira naquele outro dia, ter sentido toda aquela necessidade de mostrar que não era um bastardo sem coração. Era só bastardo... Que piada triste. Finn se virou para ela, desejando que não fosse tão linda, que não o encarasse com tanta franqueza enquanto se inclinava mais para perto.

— Por que não veio durante o dia?

— Porque o que fiz precisa ser mantido em segredo. Acha que deixariam que você viesse comigo? Duvido. E, mesmo se deixassem, não permitiriam que fosse sozinha. Teríamos acompanhantes e lacaios... Acha que seu pai ficaria feliz em saber que a égua não foi abatida, como solicitou?

— Não. Ele ficaria furioso. Mandaria cortarem a sua cabeça.

— Exatamente. Então tem que ser agora, no meio da noite. A melhor hora para fazer e guardar segredos.

Quando não havia ninguém para ver os dois juntos.

Finn prendeu a respiração enquanto ela hesitava, como se qualquer movimento do ar pudesse influenciá-la, desejando mais que tudo que ela aceitasse acompanhá-lo. Até que a garota finalmente assentiu.

— Só preciso de alguns minutos para me arrumar.

— Seja rápida. Vou esperar no corredor, mas se ouvir alguém chegando, vou ter que fugir correndo.

— Serei rápida.

Finn pegou a lamparina, saiu e fechou a porta. Recostou-se na parede para esperar. A jovem o intrigava. Aquilo era loucura — uma completa loucura. Nada bom sairia daquele passeio, mas, mesmo assim, não conseguia parar.



Sophie não estava morta. Lavínia mal podia acreditar. Queria ver com os próprios olhos. Devia ser uma tonta por acreditar em alguém que invadira sua residência, seu quarto... mas, se aquele jovem quisesse tirar proveito dela, teria feito alguma coisa enquanto ela dormia. Poderia ter batido em sua cabeça, deixando-a inconsciente, e a sequestrado. Era um sujeito alto e grande, e Lavínia sentira a firmeza de seus músculos quando lhe dera um soco. Ele não teria a menor dificuldade em sequestrá-la.

Colocou um vestido simples, que não requisitava a ajuda de serviçal para fechar. Sentia um misto de medo e euforia. Nunca fizera nada tão arriscado. Não que não tivesse pensado muito em sair por aí sozinha. Mas sempre que fantasiava em escapar escondida com algum homem na calada da noite, era com Thornley — ou, pelo menos, achava que era. Na verdade, as feições do sujeito nunca tinham sido muito claras, mas ficava envergonhada de imaginar que seu acompanhante fosse outro homem que não seu prometido. Sentiu uma pontada de culpa: estaria sem acompanhante, sozinha com um homem com quem

não se casaria. Mas, mesmo com dificuldade, ignorou as dúvidas que a assolavam. Não era como se estivessem planejando fazer qualquer coisa pervertida. Ele só queria mostrar que Sophie estava bem.

Não que desconfiasse, mas ficara empolgada com a aventura. E ainda estava brava com o pai, o que só a deixava com mais vontade de fazer alguma rebeldia, mesmo que ele nunca fosse descobrir. Ficaria quieta no jantar com os pais, mas estamparia no rosto o sorriso travesso de um gato que lambeu todo o creme da torta. Teria um segredo delicioso. Nunca tivera segredos.

Tinha a vida mais chata de todas as suas amigas, sempre sem nem uma fofoquinha para compartilhar. Não poderia contar sobre a excursão que estava prestes a fazer, mas usaria o mesmo sorriso de gato em futuros bailes, o que deixaria a todos na dúvida, se perguntando que tipo de travessura ela poderia estar tramando. Ganharia um ar de mistério que a tornaria mais atraente aos olhos dos outros — talvez atraente o bastante para que Thornley finalmente a notasse.

Abriu a porta do quarto pensando que não era nada ruim seu acompanhante ser tão bonito. Ele estava esperando no corredor com a lamparina em uma das mãos e a boina na outra. A camisa não estava amassada como a que usara mais cedo, naquele mesmo dia. Naquele instante, Lavínia se deu conta de que, quando ele se aproximou dela no quarto, não cheirava a cavalo, sujeira e estrume. Devia ter tomado banho, talvez até fizera a barba. O cabelo também não parecia mais tão longo.

Um jovem que se dera ao trabalho de se arrumar não teria planos nefastos em mente.

Ele botou a boina.

— Não podemos fazer nenhum barulho — sussurrou ele.

Lavínia assentiu. Então, o sujeito fez uma coisa muito estranha: pegou sua mão. Como se pudesse transferir sua furtividade para ela. O jovem não usava luvas, mas ela calçava um par de couro preto — uma dama não deveria sair de casa com as mãos desnudas. Mesmo assim, o calor da pele dele passava pelo material da luva, aquecendo as mãos dela. O jovem não fez som algum. Mesmo andando na ponta dos pés, Lavínia não era tão boa quanto ele em se esgueirar pela casa, o que ficou evidente quando chegaram à escadaria de mármore. Cada passo seu soava como uma martelada em um prego.

Depois de alguns passos barulhentos, o jovem parou e estendeu a lamparina para ela.

— Segure isso.

Lavínia obedeceu, mas quase deu um grito quando ele a pegou no colo. Com aqueles braços fortes e poderosos... A sensação de ser carregada por Thornley não chegava aos pés do que era ser carregada por aquele jovem musculoso, que descia a escada depressa. A comparação era injusta com Thornley, que a segurara como um cavalheiro: mantendo certa distância entre os corpos, como era apropriado. No mundo deles, seguir a etiqueta era de extrema importância.

Quando chegaram ao chão atapetado do hall, o jovem a colocou no chão, pegou a lamparina, segurou sua mão outra vez e a guiou depressa até a cozinha.

Antes que Lavínia tivesse tempo de perceber que não havia nenhum empregado por perto, o rapaz abriu a porta, a puxou para fora da casa, depois, silenciosamente, trancou, pegou uma bolsa na soleira e se encaminhou para os estábulos.

Olhando para a casa, Lavínia notou que não havia uma única luz acesa nas janelas. Tinham conseguido! A fuga fora um sucesso! Engraçado como o pensamento a deixara feliz a ponto de querer dar pulinhos de alegria, como se tivesse feito algo notável. Nunca sequer pensara em desobedecer às regras, e lá estava ela: prestes a ter uma noite inteira de contravenções.

A carroça feia que ele usara para levar Sophie estava parada em um beco ali perto. Depois de jogar a bolsa na traseira, ele apagou a lamparina com um sopro e guardou. Segurando outra vez a mão dela, o rapaz a guiou até a frente da carroça, segurou sua cintura magra e a levantou até o banco de madeira. Depois, subiu para junto dela, pegou as rédeas e urgiu os cavalos.

— Como você se chama? — perguntou ele, a voz baixa e grave no silêncio da noite.

Lavínia quase riu, só então percebendo que nunca tinham se apresentado direito. Não deveria nem ter falado com ele, quanto mais subido naquela carroça. De súbito, teve a desagradável sensação de que não era a primeira garota a fazer aquilo.

— Lady Lavínia.

— Nome refinado.

— Sou uma dama refinada. E qual é seu nome?

— Finn.

Suspeitava que aquele rapaz fosse complexo demais para um nome tão simples.

— E qual é o seu sobrenome?

— Trewlove.

Lavínia franziu o cenho.

— Hoje à tarde, ouvi meu irmão conversando com um amigo sobre um tal de Trewlove e um local de jogos. Você é o dono?

— Meu irmão é o dono. Aiden.

— Ele disse que é um local secreto.

Entre um poste de luz e outro, ela o viu dar de ombros.

— Não é bem um clube de cavalheiros...

— Mas se ninguém conseguir encontrar...

— Ah, as pessoas conseguem... Os riquinhos gostam porque não é um lugar muito... apropriado. Eles se sentem devassos ou desvairados, acham que estão vivendo perigosamente. — Finn riu baixinho. — Na verdade, eles não fazem ideia do que é viver perigosamente.

Suspeitava que Finn soubesse, e até demais. Devia ser uma tola por confiar nele. Mas, por alguma razão, nunca se sentira tão segura em toda sua vida.

— Por que não matou Sophie?

Ele abaixou a aba da boina, como se o brilho da meia-lua no céu de veludo preto estivesse atrapalhando a visão.

— Não sei. Parecia um desperdício de cavalo bom. Mas você não pode contar ao seu pai. Nunca. Meu chefe me mandaria para a cadeia.

— Fez isso sem a permissão dele?

— Eu tive permissão, mas ele vai negar para proteger seu negócio, sua licença. Como eu disse, se não cumprimos o contrato, somos reportados. Fechariam nosso abatedouro, e os clientes buscariam alguém mais confiável.

Lavínia estudou o perfil de Finn, mais delineado pelo luar do que pelos postes de luz, cada vez mais escassos. Não queria pensar na hipótese de estarem saindo dos limites de Londres, ou talvez da Inglaterra. Por que não estava insegura? Que feitiço aquele rapaz lançara sobre ela? Era raro falar com os criados, ainda mais com plebeus. No entanto, lá estava: intrigada por um rapaz que mal saíra da puberdade.

— Por que você trabalha com algo tão cruel?

— Não vejo o que faço como crueldade. Acho que acabar com o sofrimento dos bichos é um ato de misericórdia. Tenho jeito com cavalos, de falar com eles, de acalmá-los. Eu os envio para o céu dos cavalos sem que nem percebam que estão fazendo essa jornada.

— Mas há outros tipos de emprego.

— Alguém precisa dar conta das tarefas desagradáveis para que pessoas como você nem percebam que elas existem.

Lavínia notou o leve desgosto na voz dele. Talvez merecesse mesmo aquilo, considerando sua vida privilegiada. Para ser sincera, ela diria até que era mimada. No jantar, o pai anunciara que já tinha comprado um novo cavalo para ela, que seria entregue até o final da semana. Nunca passava vontade ou necessidade.

— Como está seu braço? — indagou ele.

O interesse genuíno pegou Lavínia de surpresa, e ela imaginou Finn sussurrando palavras aos cavalos com o mesmo tom carinhoso.

— Dói um pouco.

O sacolejar da carroça aumentava o desconforto da fratura, mas ela não queria reclamar.

— Tomei uma dose de láudano antes de me deitar. Fico um pouco desnorтеada, acho que foi por isso que aceitei vir com você.

— Você veio comigo porque quer ver sua égua. O osso quebrou?

— Sim. Foi horrível. Atravessou a pele. Mas não desmaiei. Fui muito corajosa.

Estava orgulhosa disso, mesmo que a verdade fosse que a visão do osso saltando da carne entorpecera seus sentidos a ponto de não acreditar que aquele era o próprio braço, apesar da dor latejante garantir que era, sim.

Embora estivessem na escuridão quase total, o sorriso dele reluziu ao luar, e Lavínia achou que fosse a coisa mais mágica que já vira. O láudano estava mexendo com ela de um jeito estranho, fazendo com que se sentisse atraída por aquele jovem de encantos gentis.

— Você é muito corajosa — disse ele.

— Não muito. Nunca saí de casa tão tarde, e nunca estive sozinha com nenhum homem, quanto mais um estranho. Estou ficando com medo de o meu pai descobrir.

— Ele não vai. Posso levar você de volta sem que ninguém perceba que saiu.

Lavínia lembrou da bolsa dele. Sabia que a casa era trancada à noite, mas ele conseguira entrar mesmo assim.

— Você também é ladrão?

Deveria ter pensado melhor antes de perguntar.

— Era. Até minha mãe descobrir. Agora vivo uma vida honesta. — Ele sorriu e olhou para ela. — Não é tão empolgante.

— Mas é mais seguro.

— É mesmo. Esse meu trabalho de agora jamais me levaria para a cadeia. Quer dizer, desde que você guarde nosso segredinho.

— Vou guardar. Eu prometo.

Além disso, aquele segredo estava ligado a outro que ela precisava guardar para si mesma. Embora nunca tivesse levado as surras de cinto que o pai dava no irmão, se descobrissem sobre aquele passeio noturno, o pai talvez fizesse questão de deixá-la incapaz de se sentar por uma semana.

— Por que você incitou a égua? — perguntou ele de repente.

Lavínia deu de ombros, com vergonha de admitir a verdade.

— Por que uma garota faz tolices? Eu queria chamar a atenção de alguém.

— Um de seus muitos pretendentes?

Ele parecia confuso, como se estivesse meio incomodado por ela ser bonita. Sabe-se lá por quê, Lavínia estava relutante em confessar que Thornley era seu pretendente — provavelmente porque ainda não era para valer. Além disso, a culpa que sentia por estar fora de casa, à noite e sozinha com

outro homem diminuiria se considerasse que o duque era apenas um amigo.

— Não tenho pretendentes. Não por enquanto, pelo menos. Só tenho 15 anos. Ainda não fui apresentada oficialmente à sociedade, para ter minha primeira temporada.

— Só 15 anos — repetiu ele, em um murmúrio. — Uma criança.

Lavínia ficou irritada.

— Não sou criança! Sou quase mulher. Quantos anos *você* tem?

— Um bocado a mais que você.

— Quanto a mais?

— Seis. Tenho 21.

— Nem é tanto assim.

— É o suficiente.

Ele fez uma curva com a carroça e entrou em uma rua bem mais estreita do que a anterior. À frente, se assomava a fachada de um prédio enorme, com “Trewlove” reluzindo ao luar em letras grandes e brancas.

— O que é esse prédio? — perguntou.

— A fábrica de tijolos do meu irmão.

— Aiden é dono de uma fábrica e de um estabelecimento de jogos?

Um sorriso divertido surgiu no rosto dele.

— Não. Meu outro irmão, Mick, é dono da fábrica. Ele se considera empreiteiro e tem planos de transformar as piores partes de Londres em locais elegantes.

— Quantos irmãos você tem?

— Três.

— Não consigo imaginar como seria ter três irmãos. Só tenho um. Ele é nove anos mais velho que eu e nunca quer nada comigo.

— Queria ser mais próxima dele?

Lavínia riu da franqueza de Finn.

— Não exatamente. Quando ele arranja tempo, fica só me provocando.

— É a lei. Irmãos devem provocar as irmãs.

— Você também tem irmãs?

— Duas.

Lavínia achou que as provocações dele não deveriam ser tão irritantes quanto as de Neville. Na verdade, ficava agradecida quando passava meses sem ver o irmão, nos períodos em que ele estava na escola ou cuidando de alguma propriedade da família no lugar do pai, aprendendo tudo o que precisava para se tornar um conde adequado quando chegasse a hora.

— Espero que não se ofenda com o que vou dizer, mas você não fala como um plebeu.

Embora a dicção dele estivesse longe da altivez de um aristocrata, Finn parecia ter certo grau de educação — pelo menos mais do que ela esperava de alguém que abatia animais para ganhar a vida.

— Isso é culpa da minha irmã, Gillie. Ela é obcecada, não quer que nenhum de nós fale como se tivéssemos vindo da sarjeta. Gillie acredita que temos que falar bem se quisermos crescer na vida.

— E o que você quer fazer da vida, Finn Trewlove?

Ele abriu outro sorriso e deu uma piscadela.

— Isso ainda é um mistério, Lady Lavínia.

Finn parou a carroça, posicionou a trava e desceu. Não parecia haver viva alma na rua quando Finn foi até o lado dela e ergueu os braços. Lavínia se aproximou até que as mãos grandes dele pudessem envolver sua cintura fina e apoiou as mãos pequenas nos ombros largos dele. Bem devagar e com todo o cuidado, como se não tivesse pressa alguma, Finn a abaixou até que seus pés pequenos tocassem o chão.

Ele a encarou um pouco, parecendo analisá-la, e Lavínia se perguntou se Finn algum dia soltaria sua cintura — também não sabia se queria que ele soltasse. Ninguém nunca a olhara daquele jeito, com tanta intensidade e interesse, como se ela fosse fascinante. Era muito empolgante ser o objeto de tamanha atenção. Enfim, ele a soltou e deu um passo para trás.

— Meu irmão tem carroças e cavalos para transportar os tijolos. Por aqui.

Ela o seguiu até um pasto largo — não exatamente um estábulo, embora pudesse ver o que parecia um abrigo feito de madeira ao longe. Os cavalos por ali eram muito mais robustos do que os dos estábulos de seu pai, mas supôs que os animais precisavam dos músculos para transportar as cargas pesadas. Então, avistou a elegante égua branca com pelagem cinza. Seu coração saltou de alegria, batendo com um alívio tão grande que Lavínia se surpreendeu por ele não ter saído do peito.

— Sophie! Aqui, garota! Aqui, minha querida!

A égua se aproximou, e Lavínia a acariciou, pressionando a testa contra o focinho de Sophie.

*image
not
available*

Capítulo 3

Copyrighted image

1871

FINN AINDA LEMBRAVA DO primeiro beijo dos dois como se tivesse acontecido minutos antes, e não anos. O toque não durara mais que um piscar de olhos, mas sentia que os lábios dela tinham marcado os seus como ferro incandescente. Já tinha beijado outras garotas antes, e sempre preferira beijos lentos e sensuais, daqueles que duravam uma eternidade — um banquete em vez de uma mera mordiscada. Ainda assim, o leve toque dos lábios dela o pegara de surpresa, como o soco que levara, no queixo.

Ao que tudo indicava, Lavínia estava tão feliz com aquele reencontro quanto ele. Não que Finn fosse demonstrar a mágoa e raiva que sentia ao vê-la depois de tantos anos.

Sentindo a lâmina perfeitamente posicionada entre duas costelas, achou melhor permanecer imóvel como uma pedra. A pele se abria fácil para as lâminas e, sem osso como barreira, o espadim entraria fácil na carne. O aço vibrava de leve, e Finn notou que a mão de Lavínia tremia no mesmo ritmo. Queria